

Quase 100 mil gaúchos a mais na bolsa de valores em 2021

RAFAEL VIGNA

Rafael.vigna@zerohora.com.br

No ano em que o Ibovespa, principal índice da B3, a bolsa brasileira, recuou 11,93%, mais 97,3 mil gaúchos entraram nesse mercado em busca de ganhos acima da inflação e retornos melhores do que os oferecidos pelas taxas de juro. Já na estreia, encontraram um cenário desafiador, com altos e baixos, que consolidaram a primeira queda no índice desde 2015.

O ingresso de investidores do Rio Grande do Sul representou aumento de 53,9% no número de pessoas físicas do Estado – de 180.469, em dezembro de 2020, para 277.814, em dezembro de 2021. Juntos, somaram R\$ 26,14 bilhões em aportes, alta de 5,6% na comparação com igual período do ano passado.

O desempenho acompanha o país, cujo avanço também foi de 53%, passando de 3,2 milhões para 4,9 milhões de CPFs e investimentos de R\$ 496,65 bilhões.

Nesse contexto, a marca de um milhão de investidores pessoa física no país só foi atingida em abril de 2019. De lá para cá, o salto é de 390% em 32 meses. Lucas Oliveira, analista da Geral Asset, lembra que esse movimento tem início em 2016, quando as taxas de juro deixaram o patamar de 14,25% ao ano e começaram a recuar. Segundo ele, o fator é o principal catalisador da elevação dos investidores:

– São pessoas que procuraram mais rentabilidade, mas o cenário mudou em muito pouco tempo. É temeroso em relação aos estereótipos e estava acostumada com uma bolsa que só sobe ou que, quando desce, se recupera rapidamente.

Retrospecto

A afirmação do especialista encontra amparo no desempenho do mercado acionário nos últimos cinco anos. É que as altas de 2016 (+39%), 2017 (+27%), 2018 (+15%) e 2019 (+32%) andaram lado a lado com a maior concentração de entrada de pessoas físicas na B3 e com o declínio da taxa Selic.

Mesmo em 2020, quando, em razão da pandemia, o tombo do Ibovespa era de 40% no primeiro

semestre, houve devolução de perda. O fechamento, naquela ocasião, consolidou leve avanço de 2,9%.

Processo inverso aconteceu no ano passado. Até junho, a B3 acumulava ganho de 6,5%. O tom era de otimismo com a retomada da economia, após o período mais drástico das restrições em prevenção contra a covid-19.

Frustração

Valter Bianchi Filho, sócio-diretor da Fundamenta Investimentos, explica que, naquele momento, episódios da agenda política como a reforma tributária e a PEC dos Precatórios frustraram as projeções e viraram a chave na percepção dos cenários futuros. Em paralelo, para conter a inflação, o Banco Central (BC) deu início ao novo ciclo de elevação dos juros.

A taxa Selic, até março fixada em 2%, fechou 2021 em 9,25% ao ano, com a inflação a 10,06%. O panorama, diz Bianchi, voltou a favorecer a renda fixa frente aos investimentos de risco:

– A partir de junho, quando veio o ruído da quebra de responsabilidade fiscal, a bolsa, que estava em alta, começou a cair. É o típico ano ruim para a pessoa física e quem está ingressando. É como se o desempenho positivo do início do ano chamasse a torcida para a arquibancada e quando todos chegam a jogo termina. A experiência dos novatos pode não ter sido tão positiva.

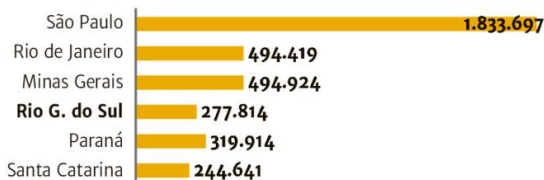
Apesar do desempenho da bolsa em 2021, houve margem para ganhos. Oliveira aponta que apostas em setores que envolvem commodities e algumas indústrias, como celulose e metalurgia, obtiveram bons retornos. Igual cenário não se confirmou em ações de setores que dependem do consumo interno. Exemplos são o varejo e a aviação civil, ambos bastante penalizados ao longo dos últimos meses.

Bianchi Filho destaca a importância de avaliar a bolsa de valores com prazos maiores.

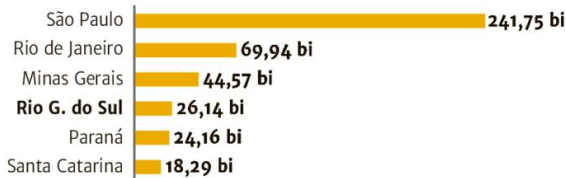
– A bolsa, em curto espaço de tempo, é caótica. Com horizontes mais longos, se torna interessante. O investidor médio que entrou agora pode ser alguém da renda fixa que migrou para superar os juros e resolveu se aventurar. A dica é ter paciência e foco no longo prazo. A queda do ano passado não significa que a B3 seja um investimento ruim – pontua.

Os números

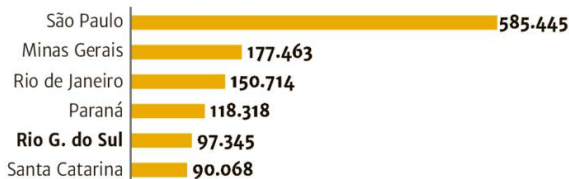
TOTAL DE INVESTIDORES (por Estado, em dezembro de 2021)



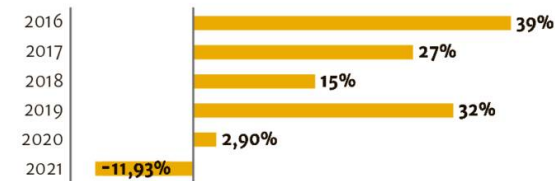
TOTAL DE INVESTIMENTOS (em R\$ bilhões, em dezembro de 2021)



NOVOS INVESTIDORES EM 2021



SOBE E DESCE NA B3 (variação do Ibovespa)



Fontes: B3 e Economática

“

Além dos juros, outro catalisador do aumento de CPFs na bolsa deve ser atribuído à educação financeira, que cresceu com os influenciadores de finanças e as corretoras. Foi assim que os investidores aprenderam que a bolsa é um instrumento de acumulação em longo prazo.

LUCAS OLIVEIRA

Analista da Geral Asset

“

Depois de cinco anos positivos, em 2021, tivemos a primeira queda. Isso pode ter frustrado as pessoas que buscavam mais dinheiro, com a expectativa de ganhar mais no curto prazo, o que nem sempre é possível. Foi o que trouxe essa quantidade de pessoas para o mercado.

VALTER BIANCHI FILHO

Sócio-diretor da Fundamenta Investimentos

Brasileiro confia pouco nas pessoas, diz estudo

Brasileiros e latino-americanos confiam menos nas pessoas do que o restante do mundo, e isso está contribuindo para o baixo desenvolvimento econômico e social da região, concluiu estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), divulgado ontem. O documento mostra que apenas 12,6% dos latino-americanos confiam na maioria das pessoas. Último colocado entre os vizinhos, o Brasil tem desconfiança ainda maior: apenas 4,69% acreditam uns nos outros.

O percentual está abaixo da média mundial, de 25%, e dos países ricos que integram a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, a OCDE, de 41%. O estudo analisou correlações entre a confiança e questões como níveis de produtividade, inovação e formalização do mercado de trabalho e concluiu que, quanto maior o descrédito, pior são as questões econômicas e sociais.

– Quando pensamos em política pública, vêm à cabeça temas como reformas fiscais e produtividade, que são essenciais, evidentemente, mas a confiança também é um tema central para a recuperação econômica – disse o representante do BID no Brasil, Morgan Doyle.

Ele afirmou que a desconfiança prejudica o apoio a reformas, trava a inovação e prejudica a redução da burocracia. Para o BID, aumentar a confiança é fundamental para a recuperação econômica na América Latina e Caribe no pós-pandemia.

Sugestões

O estudo oferece recomendações para os formuladores de políticas públicas de como reduzir o problema. Conforme o BID, é necessário diminuir as diferenças no acesso à informação, “investindo em órgãos reguladores de alta qualidade e educando e informando melhor os cidadãos para lhes dar as condições necessárias para detectar e evitar comportamentos não confiáveis”. Entre outras sugestões, estão ainda maior transparência no orçamento público e na regulação, fortalecer partidos, eleições e sociedade civil e aumentar as oportunidades de participação dos cidadãos.